

COMO SE APRENDE A GOSTAR DE LER?

COSTA, Wilse Arena da

Doutora em Educação: Psicologia da Educação. Escritora, Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa INOVAEDUCA, palestrante, membro da Academia Rondonopolitana de Letras/MT e Professora da Faculdade EDUVALE.

Resumo:

Neste artigo destaco a importância do ato de ler o mundo (objetos, fatos e fenômenos naturais e sociais), bem como as palavras para ampliar nossa capacidade humana de ser ao mesmo tempo uno e múltiplo, determinados e determinantes, produtos e produtores de nossa própria existência a partir de influências externas, ou seja, do contexto sócio, cultural, político e econômico do qual participamos de forma ativa (consciente ou inconscientemente). Nesta perspectiva, procuro chamar a atenção de pais e professores para a importância de seus papéis no sentido de estimular o gosto e o hábito da leitura das crianças desde a mais tenra idade e para a importância do papel da escola neste processo, considerando que a grande maioria das crianças que vivem em países periféricos e em desenvolvimento como o Brasil, a escola é o único espaço/tempo que têm para desenvolverem esse tipo de gosto e de hábito em suas vidas.

Palavras-chave: Cultura; leitura; escrita; cidadania.

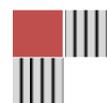
Abstract:

In this article I highlight the importance of the act of reading the world (objects, facts, and natural and social phenomena) as well as the words to expand our human capacity to be both one and multiple, determined and decisive, products and producers of our own existence from external influences, ie the socio, cultural, political and economic context in which we participate actively (consciously or unconsciously). In this perspective, I try to call the attention of parents and teachers to the importance of their roles in stimulating the taste and reading habits in children from an early age and the importance of the role of the school in this process, whereas the large most children living in peripheral and developing countries like Brazil, the school is the only space / time they have to develop that kind of taste and habit in their lives.

Keywords: Culture; reading; writing; citizenship.

O homem é o único animal cuja natureza não é inata, mas produto de um processo dinâmico, complexo, contínuo e ininterrupto de construção, desconstrução e reconstrução de discursos e práticas aprendidas e apreendidas nas relações que estabelece com seus pares e com a própria natureza. Portanto, diferentemente de qualquer outro ser vivo a natureza humana é uma construção bio, psico, física, histórica, social e cultural.

Nesta perspectiva, as influências que um ser humano recebe desde a mais tenra idade contribuem de modo muito particular na formação de sua personalidade, de seu caráter, no



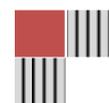
seu modo de encarar o mundo, de se comportar e de gostar mais ou menos de uma coisa e/ou outra, inclusive de ler.

Não que o ser humano seja moldável como argila, que possa ser esculpido de acordo com o desejo dos pais ou de quem quer que seja. Nada disso, cada ser humano é único na sua idiossincrasia¹, tem sentimentos e reage diante das experiências que vivencia, muitas vezes, de forma que até ele mesmo se surpreende (para o bem e/ou para o mal). Exemplos disso não faltam: quantas pessoas, em um impulso, já não colocaram a própria vida em risco para salvar pessoas de um afogamento? Por outro lado, quantas não se arriscam reagindo a assaltos ou assaltando seus semelhantes?

Quando digo que o meio influencia a formação do ser humano, quero dizer que há uma relação dialética nesta relação homem/homem/meio ambiente. O ser humano é influenciado pelo meio em que vive e vice versa, ele é determinado e determinante, produto e produtor, uma vez que se trata de um ser que tem consciência de sua existência no mundo e, mais, sabe que tem uma consciência, que é capaz de pensar, agir, construir coisas, desconstruir e isso o transforma em sujeito histórico e, portanto, agente de transformação e, desde que não se esqueça que também é parte da natureza e saiba utilizar de seus recursos com responsabilidade, poderá ser chamado, de fato, de ser HUMANO. Mas esta é outra discussão.

Nos limites deste artigo quero destacar que, quanto mais favorável for o ambiente em que um ser humano for criado desde o nascimento, mais possibilidades ele tem de desenvolver suas potencialidades humanas, uma vez que todos tem potencial para tal. No entanto, é preciso que cada um tome consciência disso o quanto antes, pois tal desenvolvimento está diretamente ligado às suas escolhas. Conforme palavras de Pablo Neruda: “Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das consequências”.

Nesta perspectiva, no que diz respeito à leitura, se uma criança vive em um ambiente em que o livro é um objeto que faz parte de seu cotidiano, ou seja, há livros em casa, os pais costumam ler e trocar ideias sobre o que leem, sempre compram livros para seus filhos e os ensinam a cuidar deles com carinho, é bem mais provável que esta criança adquirirá o gosto e o hábito da leitura de forma natural e prazerosa. Claro que crianças que vivem em ambientes familiares completamente diferentes do que acabo de descrever também podem despertar o gosto e o hábito de ler a partir do exemplo de outros colegas, por curiosidade, frequentando



bibliotecas, na escola, mas, infelizmente, é uma minoria que consegue este feito, a não ser que a escola tenha um projeto específico para este fim. Daí a importância de se garantir à população uma escola pública de boa qualidade, pois, para uma grande maioria das crianças de países como o Brasil, por exemplo, é o único espaço/tempo que têm, não só para aprenderem a ler e escrever, mas para adquirirem o gosto e o hábito de ler e escrever.

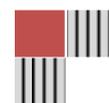
Penso que minha história com os livros é um bom exemplo do que afirmei acima.

Desde que me lembro por gente, sempre gostei de ler, lia tudo que passava na minha frente. Como dizia o saudoso mestre Paulo Freire “A leitura do mundo antecede a leitura da palavra”. E eu lia o mundo, e como lia: pessoas, objetos, fatos e fenômenos do cotidiano! Além disso, minha mãe era professora e fazia questão de ensinar que livro era algo muito importante e não devia ser amassado nem rasgado, que era preciso estar com as mãos limpas para manipulá-los, não fazer “orelhas” nas páginas, começar a ler o livro pela capa: autor, editora, entre outras orientações que foram fundamentais para o resto de minha vida. Ela tinha várias coleções de livros que ficavam arrumadinhos na prateleira em um quarto de estudos nos fundos de nossa casa. Neste quarto tínhamos até carteira de estudo, igual aquelas da escola, para fazermos as lições de casa. Meu pai que mandou fazer, ele não tinha muito estudo, assim, seu maior orgulho era ver os filhos estudando.

Bem, o fato é que assim que preendi a ler, textos escritos começaram a chamar minha atenção. Primeiro encantei-me com os gibis. Em seguida, passei para as coleções de livros de minha mãe. Mas eu só ia para o tal quartinho de estudos após tomar banho e lá ficava lendo durante horas. Também adorava contar para minhas amiguinhas e para minha mãe sobre as histórias que lia (e sobre os filmes que assistia) e fazer apresentações de teatro sobre elas. Quando me tornei adulta minha mãe dizia: mas você era chata, Deus me livre!

No início, eu gostava de ler só uma daquelas coleções, a de capa vermelha. Era linda! Mas lia só os três primeiros volumes porque tinham figuras coloridas. Mais tarde, passei a me interessar pelos outros, apesar das figuras serem mais esparsas e em branco e preto. Como eu viajava nas aventuras, naqueles contos! Acabei lendo a coleção inteira, alguns livros, por várias vezes.

Mas eu também adorava ler o “Trópico”, uma espécie de enciclopédia daquele tempo. Eu amava aqueles livros! Eram doze volumes. Li todos. Penso que umas dez vezes cada um: História da humanidade, da Bíblia, sobre invenções, sobre grandes descobertas, entre outras



curiosidades. Fiquei com esta coleção de herança e passei o amor que tinha por ela para meus filhos, mas, infelizmente, não pude mostrar para minhas netas, porque uma goteira a destruiu completamente em um dia de chuva muito forte. Na verdade era uma coleção que tinha um valor sentimental para mim, afinal, minhas netas contam com outros recursos de leitura, além do livro propriamente dito, muito mais sofisticados, como a internet, livros interativos em 3D, entre outros.

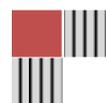
Impossível esquecer o primeiro livro sem nenhuma figura que li: “Olhai os lírios do campo”, de Érico Veríssimo, outra coleção de minha mãe. Que emoção ler um livro grosso daqueles, sem nenhuma figura, cuja história de fundo versava sobre interesse, segurança, felicidade, amor e paixão! Eu devia ter uns doze ou treze anos mais ou menos. Não era como as meninas de hoje não, era bem infantil ainda, mas, no íntimo, meus hormônios já deviam estar a toda, por isso assuntos românticos já começavam a me interessar.

Depois veio a fase das revistas de fotonovelas e dos livrinhos de bolso (FBI, entre outros); das revistas de entrevistas sobre relacionamento e da revista Pais e Filhos, uma vez que, aos dezoito anos me casei e tive três filhos.

Ainda romântica e sonhadora, a próxima fase foi das revistinhas da Sabrina.

Mudança radical ocorreu em 1982, quando iniciei minha carreira como professora! Mais madura, descobri o livro “A história da riqueza do homem”, de Leo Huberman. Meu Deus, a partir da leitura deste livro parece que o mundo se revelou de uma forma completamente diferente para mim. Tudo começou a fazer sentido, comecei a olhar o mundo à minha volta sob outra perspectiva, a compreender coisas que sempre me incomodaram, mas eu não sabia bem o que eram e nem porque aconteciam. De rebelde, tornei-me revolucionária. Daí, fazer um curso superior deixou de ser um desejo. Tornou-se uma necessidade.

Fiz o curso de Pedagogia, Especialização em Ciências Sociais, Mestrado em Educação Pública e Doutorado em Educação: Psicologia da Educação. Cheguei a fazer um estágio de seis meses na Espanha durante o curso de doutorado, mas nada! Nem trinta e um anos como professora formadora de professores, nem os inúmeros livros e artigos que publiqueiⁱⁱ conseguiram satisfazer a necessidade que eu tinha e ainda tenho de buscar respostas e soluções para uma gama enorme de problemas que se renovam a cada dia em nossa sociedade e na minha cabeça.

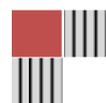


De toda forma, minha maior satisfação e orgulho é ter sido coerente com o que acredito e fiz em toda a minha vida: consegui que meus filhos e netas compreendessem o quanto a leitura pode ser prazerosa e sua importância na vida deles e de todo e qualquer ser humano. Fiz o mesmo com meus alunos durante todo o tempo em que exerci minha profissão como professora, no Ensino Fundamental e no Ensino Superior (Departamento de Educação, Campus Universitário de Rondonópolis/UFMT), mesmo atuando em outras áreas como Didática, Metodologia da Pesquisa, Fundamentos da Educação, entre outras, até para que se tornassem bons escritores e, tanto pelos testemunhos, quanto pelo crescimento deles durante o ano letivo, posso afirmar que os resultados foram bastante positivos.

Hoje, aposentada, escritora e membro da Academia Rondonopolitana de Letras/MT continuo me esforçando para estimular jovens, adolescentes e adultos a gostarem de ler, seja ministrando palestras ou cursos, explicando que se trata de um hábito que, além de prazeroso, amplia a visão de mundo das pessoas, suas próprias possibilidades de lutarem por uma vida melhor não só para si mesmas, mas, também, para seus semelhantes, enfim, a leitura contribui para que as pessoas se sintam (sejam) mais livres e mais capazes de conquistarem e exercerem a cidadania plena.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões da nossa época, 1).
- APPLE, M. W. e BEANE, J. A. (Comps.). **Escuelas democráticas**. 2ª.ed. Madrid/ES: Morata, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BIRMAN, Joel. **Subjetividade, contemporaneidade e educação**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.11-28.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.



COSTA, Wilse Arena da. *A construção social do conceito de bom professor*. Cuiabá: EdUFMT: Entrelinhas, 2007.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. 6ª. ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: MEC: UNESCO, 2001.

FERACINE, Luiz. **O professor como agente de mudança social**. São Paulo: EPU, 1990.

FIORIN, Luiz José; PLATÃO SAVIOLI, Francisco. **Para entender o texto: leitura e redação**. 10ª. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Ensino médio: desafios e reflexões**. Campinas: Papyrus, 1994. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. 3.ed. São Paulo: Centauro, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

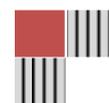
GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1997.

GUIRAUDI, Pierre. **A linguagem do corpo**. São Paulo: Ática S. A., 1991.

KLEIMAM, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas- SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3ª.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.



PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura em sala de aula**. 6ª. ed. Petrópolis; RJ: Vozes, 1990.

SACRISTÁN, José Gimeno e GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. 4ª. ed. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1996.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

VASCONCELOS, Elizabety. **Fábulas**. Disponível em:
<http://www.fnlij.org.br/livros2/fabulas.htm> - acesso em 27 de setembro de 2005.

ⁱ Palavra de origem grega que significa comportamento peculiar de um indivíduo ou um grupo.

ⁱⁱ Um destes livros, inclusive, tem como título “50 sugestões didático pedagógicas para o ensino da leitura e da escrita em sala de aula”. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT: Entrelinhas, 2006.

